

O DIA DE VER MEU PAI OU A FALÊNCIA DA COMUNICAÇÃO

Iza Celina M. Brunetta

Embora se saiba que não existe uma diferença significativa entre uma narrativa em primeira ou terceira pessoa, mas que há em ambas a **mesma** possibilidade,¹ não há dúvida que a opção pelo ponto de vista de primeira pessoa, com um narrador-personagem-criança, trará conseqüências significativas para a economia da obra e influirá decisivamente na sua recepção. Principalmente se o receptor dessa obra for ele também uma criança, como é o caso de *O dia de ver meu pai*.²

Pois, além da própria **restrição** que o ponto de vista de primeira pessoa impõe, restrição sobretudo ideológica,³ não podem ser ignoradas as **limitações** que quase inevitavelmente advirão deste tipo de narrador.

Se, por um lado, num foco de primeira pessoa protagonista, estamos com o narrador, e a visão que temos das outras personagens, a visão que temos de suas condutas, do aspecto físico, enfim, deste mundo fictício, é a visão que vem filtrada pela sua mente, providenciando uma estabilidade ideológica a qualquer proferição, por outro, um narrador-personagem-criança vai transformar inteiramente o impacto da obra, uma vez que, em nome da verossimilhança, sua capacidade de apreensão compreensiva das outras personagens, das suas condutas e até de si mesmo, estará circunscrita à capacidade de compreensão de uma criança. A conseqüência mais imediata deste fato será um predomínio dos pontos de cegueira sobre os pontos de visão do narrador, que exigirá, por seu turno, um duplo papel do leitor: primeiro, sua **identificação** com este narrador, a fim de que aceite a ilusão ficcional; segundo, que dele se **diferencie**, para que possa preencher as lacunas que fatalmente surgirão dessa "deficiência" de visão.

A problemática é a da comunicação — da criança, Fabiano, com seus pais, metaforizada na canção da Machadinha — mas a sua compleição é a da estória do fracasso dessa comunicação, falência apontada, à primeira vista, na própria eleição do narrador.

Esta falência, entretanto, que aqui colocamos teoricamente, poderá ou não se confirmar no texto, pois o autor implícito dispõe de todo um arsenal de artifícios que podem romper com essa deficiência de visão do narrador, ela mesma podendo ser apenas um recurso para propiciar uma visão mais rica ao leitor.

1. Em *O dia de ver meu pai* a deficiência de visão do narrador-personagem decorre de sua forma de percepção do mundo que o circunda, já que ele é **incapaz** de penetrar na mente das suas personagens, já que sabe **menos** que elas, seja pela sua condição de criança, seja por uma imposição da narração em primeira pessoa, com narrador-protagonista.

Entretanto, como já colocamos, o autor-implícito dispõe de uma série de recursos que permitiriam que se rompesse com essa "deficiência".

Um desses recursos está na utilização da correção através das personagens, o que fertilizaria a narração, providenciando uma diversidade de hipóteses para o leitor.

Esta correção poderia ser feita através de outra personagem infantil — com quem o leitor pudesse se identificar — cuja situação de vida seria semelhante à de Fabiano, mas com uma solução diferente, que o leitor sentisse como "melhor". Ou através de uma personagem adulta que suprisse a carência de Fabiano, apaziguando sua inquietude e sua angústia.

Mas não há nada disto no texto de Vivina. As outras personagens infantis são muito diferentes de Fabiano e fica explícito que são bem mais felizes que o nosso narrador, com uma família organizada, festas de fim-de-ano, jogos de botão e viagens à Europa.

Todas as situações em que aparecem personagens infantis vão servir sempre para acentuar a **diferença** de Fabiano, sua condição marginal. A cena da escola — de um sadismo que parece inspirado no *Cuore* —, as crianças que passam na rua dizendo gracejos — que o narrador não ouve, mas adivinha — são tanto mais desastrosas porque destacam essa diferença.

para pior, e não deixam alternativas para o leitor a não ser o choro sentido do nosso pequeno narrador e a certeza de que a felicidade só é possível dentro da família organizada.

Quanto às personagens adultas — pai, mãe e professora —, estas não conseguem, não podem ou não querem suprir a "deficiência" de visão da criança.

A mãe, caracterizada por chavões machistas, esquivase o tempo todo de um diálogo franco com o filho, e, segundo o narrador, "mente pra mim, mente muito, mente sempre" (p. 7). Sua reticência em falar do desquite — para ela também um assunto doloroso e de cuja decisão ela não participou, uma vez que foi "escolha" do pai — fica bem explicitada no diálogo da página 23, que vale a pena repetir:

- Papai mora com outra mulher?
- Por quê?
- Mora ou não mora?
- Por quê?
- Mora, não mora?
- Mora.

Com o pai, a situação não é muito diferente. Este, além de não ampliar a visão da criança em relação ao problema que o aflige, ainda estabelece outros pontos de cegueira, que serão iluminados, segundo ele, "quando chegar a hora" (p. 16). E esta hora, pelo visto, não chegará nunca, uma vez que dependerá da sua pequena e frágil mãe.

No único momento em que a visão do narrador poderia ser checada — a cena em classe, após o coro das crianças —, através do discurso do professor, a situação se resolve assim: "O professor falou muitas coisas, mas não ouvi nenhuma. Deitei sobre os braços cruzados, em cima do caderno, e não escrevi nada. Meu caderno ficou ensopado." (p. 22)

Portanto, o que se pôde observar é que fatos e personagens são apreendidos de forma linear pelo narrador, que os resolve dentro do "dialeto" e do universo subjetivado por ele, promovendo assim uma interpretação unívoca, a partir da estabilidade ideológica do discurso do narrador.

O ponto de vista conferido ao narrador, então, é o olhar único que inaugura e dá vida ao universo criado.

2. No que diz respeito à recepção do texto, o foco de primeira pessoa protagonista, providenciando uma estabilidade

ideológica ao discurso do narrador, não deixará nenhuma alternativa ao leitor, desde que não há possibilidade de nenhum trânsito semântico livre, pois a avaliação está sempre explícita e garantida por esse discurso original.

Esta estabilidade estará ainda garantida pela redução da distância entre narrador e leitor que o foco de primeira pessoa protagonista provoca, reforçada finalmente pela redução da distância entre narrador-autor implícito. A ponto de podermos afirmar que o ponto de vista do narrador não representa ali somente um dos focos da ótica mais ampla, mas o único foco. E neste sentido a mensagem passa a ter uma função ideológica fixa, e a ideologia se conceitua como "falsa consciência."

A falência da comunicação visada no texto — de Fabiano com seus pais, metaforizada na canção da Machadinha — vai então estender-se à relação texto-leitor, ainda mais que serão negligenciados os esquemas de referências do destinatário, o que vai motivar seu desinteresse e significa uma incompreensão da necessidade de se levar em conta o horizonte de expectativas do leitor, no sentido em que o emprega Jauss.⁴

Todo texto, poderíamos dizer, contém certas instruções para o leitor que tornam possível ou facilitam sua orientação no universo ficcional. Lobato, por exemplo, soube impor essas instruções de forma admirável, através do aproveitamento do folclore nacional e tipos da literatura universal e da estória em quadrinhos.

Em *O dia de ver meu pai* essas indicações antes dificultam que facilitam a atuação do leitor. A referência a *Vidas secas*, por exemplo, dificilmente será decodificada pelo leitor mirim. O conhecimento da canção da Machadinha, que Fabiano persegue durante todo o texto, é fornecida ao leitor no pórtico do livro, mas ele fatalmente ficará sem saber o que fazer com ela.

Assim como ele não será capaz de "ouvir" o discurso do professor, mas certamente "ouvirá" os gracejos das crianças da rua, tal a proximidade que ele tem de Fabiano.

Dessa forma, querendo tratar de um tema tabu na literatura infantil, Vivina nada mais faz que reforçar essa condição, na medida, principalmente, em que não permite a emersão de nenhuma outra verdade que não a do narrador, senhor absoluto das outras personagens e dos seus leitores.

Tudo que demonstramos, entretanto, não assegura que o foco escolhido não seja "adequado", não seja pertinente à matéria, ao tema da obra. E acreditamos ter deixado isso claro: a impertinência, a inadequação está antes no tratamento dado a este ponto de vista. Mais explicitamente, no grau de distância particular que aproxima o narrador de forma absoluta do autor implícito, das outras personagens e do próprio leitor, conduzindo de forma autoritária a escritura e a recepção da obra.

Desta forma, o foco de primeira pessoa protagonista, aparentemente uma inovação dentro da literatura infantil brasileira, mostra-se tão **mistificante** quanto o de terceira pessoa onisciente tradicionalmente utilizado pelos nossos autores para criança.

NOTAS

- 1 "O romance de primeira pessoa pode ter visões de terceira pessoa e o romance de terceira pessoa pode ter visões de primeira pessoa", segundo DAL FARRA, M. L. **O narrador ensimesmado**. São Paulo, Ática, 1978.
- 2 VIANA, Vivina de Assis. **O dia de ver meu pai**. Belo Horizonte, Comunicação, 1977.
- 3 DAL FARRA, M. L. Op. cit.
- 4 Segundo Jauss, toda obra literária que se apresenta como pertencendo a um determinado gênero literário se coloca em um horizonte de expectativas que se formou no leitor por sua familiaridade com esse gênero (JAUSS, H. R. "La historia literaria como desafio a la ciencia literaria". In: GUMBRECHT, H. U. et alii, **La actual ciencia literaria alemana**).